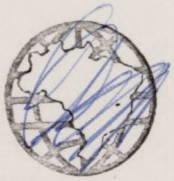
CMP 2.1.9.173-1



O COMBATE DE VENDA GRANDE EM 1842

Celso Maria de Mello Pupo

Cessado o período regencial e declarada a maioridade de nosso imperador Dom Pedro II, por iniciativa dos liberais apoiados pelo povo e forças do exército, foi o imperador coroado a 18 de julho de 1841. Era vitória liberal que iniciava o segundo reinado com "estrondosa popularidade" e júbilo geral no país inteiro. Generalizada uma opinião política em favor do restabelecimento de um Conselho de Estado, extinto em 1834, sua forma, entretanto, era motivo de divergência política, agravada por demais atitudes dos conservadores no poder, levando os liberais à revolta de 1842.

Conspirou-se, estabeleceu-se o plano de revolução que eclodiria na capital da província e outras cidades do interior, o que se fez, não nos moldes estabelecidos, mas fracionadamente, falhando na capital onde já havia a formação de grupos de ação com armamento distribuído. Sorocaba, cidades próximas, Campinas e outros centros municipais marcharam para a revolução.

Em Campinas como os revolucionários não compunham a maioria da Câmara Municipal, concentraram suas tropas em área rural, com sede no sobrado desabitado do engenho da Lagoa, bairro de Venda Grande, sendo aí atacados por tropa imperial enviada por Caxias a Campinas, sob o comando do coronel José Vicente de Amorim Bezerra.

CMP 2.1.9.173-2

mãos, quase todos em arquivo particular:

I — Em "Almanaque de Campinas para 1871" organizado e publicado por José Maria Lisboa, Francisco Quirino dos Santos historiou a pré-revolução e a revolução em resumida e interessante exposição, quando ainda viviam partícipes do movimento.

II — Amador Bueno Machado Florence, filho de Hércules Florence que o acompanhou em 1842 viajando de Campinas para Itu e foi testemunha ocular de fatos da revolução liberal, escreveu, de sua lembrança, esses fatos, publicando-os em artigos seguidos, de 7 de junho a 15 de julho de 1882. Tais artigos contam valiosos detalhes da revolução, e têm servido para fonte de muitos trabalhos e até para serem transcritos por inescrupulosos que os copiam sem referência ao original de onde tiraram; mas o confronto das publicações revela claramente o plágio.

III — João Batista de Morais, em 1907, escreveu e apresentou ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, memória sob o título de "Revolução de 1842", na qual fez um estudo da vida política do Brasil, desde 1831 até o final da revolução, com a correspondência trocada entre muitos próceres.

IV — Leopoldo Amaral, em 1927, pelas colunas de "A Gazeta de Campinas" do dia sete de junho, em alentado artigo, relembra particularidades de Venda Grande, úteis e orientadoras para quem deseja se inteirar desta revolução.

HISTORIADORES DO EVENTO

Sem pretender atingir a totalidade, vamos recordar nomes que se dedicaram à história de Venda Grande inserida, muitas vezes, em relatos de ampla exposição sobre o movimento liberal de 1842. E podemos indicar o que tivemos em

V — A 27/1/1925, o "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro publicou noticiário com reprodução de correspondência sobre o aniversário da decisão do Senado isentando de culpa os senadores Diogo Antônio Feijó, Nicolau de Campos Vergueiro e Francisco de Paula Sousa.

VI — Heitor Muniz tratando de "A Revolução Liberal Mineira de 1842" faz um histórico útil da pré-revolução.

VII — O mesmo faz "O Estado de Minas" de 20/8/1929, com o inteiro teor da representação da Assembléia Provincial de São Paulo, ao Imperador, "pedindo a sustação das Leis das Reformas do Código e do Conselho d'Estado, e a demissão do Ministério".

VIII — "O Estado de São Paulo" de 27/2/1930, em correspondência de Itapetininga, relata os ocorridos na cidade.

IX — Felix Guisard Filho, o historiador do Vale, em "A Razão" de 12/7/1931, trata de desfazer o que intitula "Quem Conta um Conto".

X — Pode-se relembrar um historiador de pulso, E. Vilhena de Morais que, pelas colunas de "A Razão" de 12/9/1931 e número seguinte, retorna ao "Quem Conta um Conto".

XI — Abundante correspondência de Caxias ao presidente da Província de São Paulo, trazem os Anais do Museu Paulista, tomo quinto, de 1931.

XII — Felix Guisard Filho, ainda em "A Razão" de 12 e 13 de dezembro de 1931, tratou de "Taubaté e a Revolução de 1842".

XIII — Devemos ao campinense Omar Simões Magro que pelo "Diário Popular" de 16/5/1932 historiou Venda Grande sob o título "Os Apuros de Um Chimango" com referência ao revolucionário que se ocultou em um valo passando a prisioneiro de uma cascavel.

XIV — Documentação provinda dos arquivos do 1º Barão de Jundiaí, referente ao movimento de 1842, foi incluída no volume XXXI (1933-1934) da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

XV — Do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Martins de Andrade é autor de trabalho sobre "A Revolução de 1842", tratando do movimento em São Paulo, Curitiba e Campinas.

XVI — Aluísio de Almeida em 1944, na coleção "Documentos Brasileiros", teve seu trabalho publicado "A Revolução Liberal de 1842".

Tivemos ainda em mãos o segundo volume do processo criminal procedido pela autoridade civil da província, com depoimentos e testemunhos em várias cidades do interior onde agiram os revolucionários, e do qual copiamos declarações testemunhais de elementos de Campinas. Outros trabalhos terão sido publicados em nosso país, porém até hoje não se desvendou o mistério do massacre do engenho da Lagoa transformado em bairro da Venda Grande, o que vamos tentar.

O MOVIMENTO EM SÃO PAULO

A qualquer observador não escapa a estranha omissão da capital da Província no movimento revolucionário de 1842, quando nesta cidade havia maior concentração de liberais, combativos e exaltados como os pronunciamentos veementes na Assembléia Legislativa.

Não poderiam os revoltosos ignorar que as revoluções fracassam quando deixam o governo central que almejam derrubar, com os seus movimentos normais e sua força moral de investidura em posições de mando. E a revolução de 1842 explodiu em Sorocaba, em outras cidades do interior da Província, permitindo estabilidade e ação do governo que desejavam derrubar, contrariando o pensamento do mentor deste movimento que ele reputava "perdido desde que não realizou na capital da Província".[12]

Rafael Tobias acusou os liberais da cidade de São Paulo, de defecção, o que não foi, como podia parecer, uma simples justificativa para seu fracasso, mas uma realidade que se comprova. Os correligionários da capital estavam integrados e comprometidos nos projetos e preparativos da revolta[13] como afirma Francisco de Assis Vieira Bueno: "Seguiu-se logo a rebelião de 1842, que infalivelmente me teria colhido em sua rede, se tivesse rompido na Capital, pois eu me achava filiado a um dos clubes revolucionários chamados — os patriarcas invisíveis, sendo chefe do meu o Dr. Antônio Manuel de Campos Melo; e também já tinha em meu poder um clavinote, que recebi quando se fez a distribuição de armamento.[14]

Indica este liberal que até armamento já se tinha distribuído na Capital entre os seus correligioná-

CMP 2.1.9.173-3

rios, devendo o movimento se ter iniciado na cidade de São Paulo. A eclosão em Sorocaba, teria contado com a manifestação dos elementos da Capital, e se fez na certeza desta ação e de novas adesões de outras cidades da Província e da Comarca de Curitiba, com população na sua maioria liberal, apoiando a revolução, mas cuja elite de autoridades, aspirando a transformação da Comarca em Província, ficou "aquietada ante a promessa governamental", mantendo-se "neutra ao movimento".[15]

A marcha das tropas do Coronel Galvão, de Sorocaba para a Capital; a incumbência a Francisco de Castro de ocupar a freguesia do Ó e o reforço que iria de Campinas sob o comando dos irmãos capitão Francisco e Luciano Teixeira Nogueira, e do tenente Antônio Rodrigues de Almeida;[16] a inatividade da primeira e não execução das outras, indicam alterações dos planos, evidenciando que estes movimentos se fariam como reforço ao levante na Capital que se não realizou.

Revela-se nestas circunstâncias, o sacrifício do coronel Galvão, subordinando-se a um juízo que o apontaria como comandante inepto ou medroso, por não ordenar um ataque para o qual as suas tropas teriam vindo de Sorocaba. Evitou um sacrifício inútil de seus comandados que formavam uma tropa de reforço e consolidação, o que não era estranho a Rafael Tobias, pois este, em carta, recomendava a Antônio Teixeira que se conservasse na defensiva.[17]

Francisco Galvão de Barros França, era "um bravo soldado das guerras do Sul, onde terçara armas em companhia de outros liberais, envolvidos nos acontecimentos, como os tenentes-coronéis Bento José de Morais e Joaquim José de Sant'Ana, o capitão Boaventura do Amaral Camargo e o alferes Francisco Teixeira Nogueira. Todos haviam pertencido à famosa Legião de São Paulo que tanto se distinguira de 1811 a 1820, e todos se acham citados nas ordens do dia dos ilustres chefes daquelas memoráveis campanhas: Alegrete, Curado, Oliveira Alvares".[18]

A notícia da derrota dos liberais de Venda Grande, chegou a São Paulo no dia 11, o que se confirma por carta do Barão de Caxias a Antônio de Queirós Teles, escrita em 10, com determinações próprias de quem dela não tinha conhecimento: "Constando-me pelo Capitão Pupo,[19] que nesta vila existem cerca de trinta cavalos da Nação e algumas praças da Guarda Nacional da Cavalaria, determino em conseqüência que V.Sa. monte tais Guardas Nacionais, que deverão servir para explorarem os arredores da Vila e entrarem em operações caso seja mister".[20]

O INQUÉRITO

Presos e levados para o Rio os revolucionários oficiais reformados do Exército, iniciou-se em São Paulo, na chefatura de Polícia, o inquérito policial-militar presidido pelo chefe de Polícia, José Augusto Gomes de Meneses, que percorreu as cidades sublevadas, tomando para escrivães do processo

elementos locais onde havia inquirições. Esteve em Porto Feliz a 15/10/1842, de onde foram considerados cabeças do movimento, com prisão decretada, José Rodrigues Leite, Dr. João Viegas Jort Muniz, Luís Antônio da Fonseca e Reverendo José de Almeida Campos. A 17/10, em Itú, com prisão decretada de Tristão de Abreu Rangel, Manuel Martins de Melo, capitão João Floriano Ortiz e Cândido José da Mota. Em Capivari, a 20/10, responsabilizado o cabeça capitão José Correia Leite. Na Constituição (Piracicaba) em 22/10, apurando a ação do responsável Vigário Manuel José de França. Em Limeira a 24/10 com prisão do senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Em Moji-Mirim a 26/10, apurada a culpa dos cabeças capitão Joaquim Floriano de Araújo e capitão Francisco José da Silva. E, finalmente, em Campinas a 31/10, de cujo processo consta:

"Tendo no termo desta cidade aparecido reuniões de gente armada no sítio do finado Teodoro, junto à Venda Grande, e se praticado outros atos a prol da rebelião de Sorocaba, que se procurou aqui propagar, o Escrivão que serve perante o Sr. Delegado de Polícia notifique de três a cinco testemunhas para deporem a respeito de Antônio Manuel Teixeira e outros comprometidos, para amanhã às 11 horas da manhã na casa de minha residência. Cidade de Campinas 30 de outubro de 1842", (a) José Augusto Gomes de Meneses, chefe de Polícia.

Certifico que notifiquei em próprias pessoas as testemunhas Cândido Gonçalves Gomide, José Teodoro de Barros Cruz, e por carta ao Capitão Joaquim da Silva Leme, e não notifiquei mais testemunhas por se acharem ausentes, Geraldo Rodrigues Pires, José Vaz da Cruz, José Manuel de Castro, João Pinto Barreto e Antônio da Cunha, tudo para o que acima declarado na Portaria supra. O referido é verdade e dou fé do que assino. Campinas 31 de outubro de 1842". (a) Joaquim Roberto Alves.

Cândido Gonçalves Gomide, casado, natural da cidade de Marina, Província de Minas Gerais, morador desta cidade de Campinas onde vive do seu emprego de Cirurgia, da idade que disse ter cinqüenta e um para cinqüenta e dois anos".

Ao 1º

"Diz que sabe por ser público e geral, mesmo pelo que mesmo anteriormente se dizia, que fora o Coronel Rafael Tobias proclamado Presidente da Província na cidade de Sorocaba no dia dezessete de Maio, e que já no dia cinco de Maio tal era o estado de agitação no povo e tão conhecidos os preparativos que se julgou necessário um destacamento de trinta homens reforçados quase todas as noites por Guardas Nacionais e mais moradores da cidade; e pela mesma razão sabe e por ter visto peças e ofícios por ele assinados, que ele aceitaria o emprego e o exercera e que tem também ouvido dizer que dito Tenente-Coronel digo dito Coronel Tobias, fora

CMP 2.1.9.173-4

constrangido a dar esse passo por Tristão, Lacerda e outros".

Ao 2º

"Disse que parece ter havido algum concerto entre Tristão de Abreu Rangel e algum outro, com Antônio Manuel Teixeira, Reginaldo Antônio de Morais Sales, Francisco Teixeira Nogueira, Luciano Teixeira Nogueira e Ângelo Custódio[21]; e que dito Tristão consta ter vindo a esta cidade por vezes, tendo em uma delas ele testemunha, o visto e é público que com os referidos tratava; que a respeito de quem dera por si só conselho para a rebelião, nada sabe, antes supõe que fosse concerto comum entre muitos; que é público que nesta cidade nas proximidades do rompimento de Sorocaba, se reuniam algumas noites em casa de Antônio Manuel Teixeira e também em casa de Reginaldo Antônio de Morais Sales, determinadas pessoas em clubes, aonde e também se vinha reunir Antônio Alves de Almeida Lima, da Limeira, e que geralmente se diz que nestes clubes se tratavam do rompimento nesta cidade, o que parece ser confirmado pelo que posteriormente se passou.

Ao 3º

Disse que a Câmara desta cidade não reconheceu o Governo intruso de Sorocaba, bem que nela algum fermento parece existir e que não se desenvolveu por falta de ocasião, não só porque desde onze de Maio não se reuniu mais, como também porque a rebelião nunca se desenvolveu dentro da mesma cidade pela energia e resistência que mostraram seus habitantes.

Ao 4º

Disse que supõe serem os principais motores da rebelião neste termo, Antônio Manuel Teixeira, Reginaldo Antônio de Morais Sales, Francisco Teixeira Nogueira, Alferes das extintas Milícias, Luciano Teixeira Nogueira, Ângelo Custódio e outros que com eles cooperaram e trabalharam no mesmo sentido. Que quanto a Antônio Manuel Teixeira sabe por haver a portaria, digo sabe por ter visto a Portaria do Governo intruso, que fora ele nomeado Comandante Militar neste termo, que em conseqüência dessa nomeação reunira gente com que se pusera em observação nesta cidade, trazendo duas peças de artilharia que em seu Engenho tinha, que com essa gente se colocara no sítio do finado Teodoro junto da Venda Grande, na estrada para esta cidade, digo para Piracicaba e Limeira que segue desta cidade, onde reunindo outros contingentes dispunha-se a vir tomar esta cidade por ordem do Governo intruso, quando foi batida pela força do Governo Imperial, no dia sete de Junho. Quanto a Reginaldo Antônio de Morais Sales, sabe que muito influiu reunindo seus partidistas deste termo e gente da Limeira e São João e que correu que ele se entendia com o Senador Vergueiro e com o Padre França, vigário de Piracicaba e que consta que ele comandava a força que do Salto de Itú seguira para a Venda Grande e largando aí essa força

voltara a Piracicaba a reunir mais, segundo se colige duma carta dele a Antônio Manuel Teixeira, e é voz pública. Quanto a Francisco Teixeira Nogueira, sabe por ser voz pública que reunira gente no Capivari de Cima[22] e com ela marchara para a Venda Grande e aí a comandava, assim como se achou no ataque feito pelas forças Imperiais. Quanto a Luciano Teixeira Nogueira, sabe por ser público e notório que reunira gente em sua casa, tanto isso é verdade que mandando o Coronel Chefe da Legião a sua casa chamá-lo pelo Sargento José Manuel fora esse pelo dito Luciano mandado prender como recruta e remetido logo para Sorocaba. Quanto a Ângelo Custódio, sabe que na sua casa iam pousar todos os comprometidos que iam e vinham nesta direção e consta que além de se prestar com agasalho e serviços particulares, também oferecera um filho para as forças da Venda Grande e dera mantimentos assim como que reunira gente. Que além destes o Capitão Francisco José da Silva, instrutor da Guarda Nacional de Moji-Mirim e desta cidade, andou com toda essa gente, e consta ter ensinado manejo em diversos lugares e na Venda Grande e foi também instrutor, assistiu ao ataque e até foi ferido. Que lhe dissera José Ferraz, da Limeira, que o Senador Vergueiro recebera próprios do Barão do Pontal, de Minas e que supunha que traziam cartas que tratavam do plano da revolução, e que ele testemunha viu uma Portaria do Governo intruso, a Antônio José da Silva, declarando-lhe que quando na Coletoria não houvesse dinheiro necessário para as despesas, o houvesse do Senador Vergueiro.

Ao 5º

Disse que quanto à força reunida só houve neste termo a da Venda Grande onde se fundiram diversas reuniões e que daí não saiu porém que indivíduos consta que muitos acudiram a Sorocaba e outros pontos, que a força da Venda Grande se achava armada com duas peças de Antônio Manuel Teixeira, e de clavinas, pistolas e lanças, e que Luís Batista dos Santos, vindo a esta cidade dera notícia que de Sorocaba se enviara para aqui duzentas armas que consta foram recebidas por Francisco Teixeira Nogueira e que se não sabe que tais armas foram ou não distribuídas.

Ao 6º

Disse que se referia ao que já dissera em outros artigos.

Ao 7º

Disse que sabe que os rebeldes não gastaram aqui dinheiro da Nação ou Públicos a prol da revolução, mas que corre que Antônio Manuel Teixeira recebera quantias de diversas pessoas para as mandar dar em Santos e que essas ordens não foram cumpridas e que hoje se desconfia que fosse o meio que, digo meio de que lançou mão para haver dinheiro para a revolução e ao mesmo tempo de libertar (?) os amigos da ordem. Declarou aqui a testemunha que quando havia dito

CMP 2.1.9.173-5

sobre os artigos era quanto nesta ocorriam se lembrava e que por ter estado no meio da agitação e presenciado os fatos e em muitas pessoas de algumas se pode ter esquecido e que quando se lembre de fatos maiores, em ocasião oportuna a declarará. Quanto aos costumes disse não era Parente amigo nem inig. aliás inimigo das pessoas mensionadas e que sim ser desafeiçoado a algumas delas por motivos políticos e particulares. E lido o depoimento por estar conforme o que depoz assina-se com o Juiz. Neste notifiquei a testemunha para não mudar de residência sem participar ao mesmo Juiz. Eu Joaquim Roberto Alves Escrivão o escrevi". (a) G. Meneses. (a) Cândido Gonçalves Gomide.

TESTEMUNHA SEGUNDA

"O Tenente José Teodoro de Barros Cruz, solteiro, natural de Moji-Mirim e morador desta cidade onde vive de seu negócio de fazendas, de idade que disse ter trinta e três anos. Testemunha Jurada aos Santos Avengelhos Sob cargo do qual prometeu dizer a verdade do que soubesse e perguntado lhe fosse.

Ao 1º

Disse que sabia que por ser público e notório, que o Coronel Rafael Tobias fora em dias de Maio, proclamado Presidente da Província na cidade de Sorocaba, e pela mesma razão e por ter visto cópias da Proclamação e sabido quanto mais se passou na Província, sabe que ele aceitou esse emprego e o exercera.

Ao 2º

Disse que sobre plant digo sobre planos e concertos nada sabia de ciência certa, porém que supunha que os havia, porque antes do rompimento de Sorocaba já se pressentia na Povoação alguma agitação, faziam-se certas reuniões noturnas mais freqüentes em certas casas onde concorriam pessoas hoje comprometidas, assim como outros preparativos que faziam suspeitar e que supõe que nesta Cidade o maior instigador e conselheiro da rebelião era Reginaldo Antônio de Morais Sales que na casa dele testemunha em sua presença e na de Manuel Cardoso de Almeida e Silva disse que o negócio devia dar em alguma coisa, e que a não ser assim não contassem com ele.

Ao 3º

Disse que nem a Câmara nem o povo reconheceu neste termo o Governo rebelde e só sim os comprometidos que se achavam na Venda Grande.

Ao 4º

Disse que supõe serem principais propugnadores da Rebelião nesta cidade e seu termo, Antônio Manuel Teixeira e o mesmo Reginaldo Antônio de Morais Sales, Ângelo Custódio Teixeira Nogueira, Luciano Lec digo Luciano Teixeira Nogueira, o Alferes Francisco Teixeira Nogueira e outros que os coadjuvaram e cooperaram tam-

bém a favor da Rebelião. Que quanto a Antônio Manuel Teixeira era em sua casa que antes mesmo da revolução se faziam os clubes noturnos, e que fora ele que mandara buscar de sua fazenda duas peças de artilharia que ele tinha com que pretendia assaltar a esta cidade; que fora nomeado Comandante Militar pelo Governo intruzo, e em observância de suas ordens fizera reunir gente, e se colocara no ponto do sítio do finado Teodoro, junto à Venda Grande, donde se dispunha tomar a esta cidade. Que quanto a Reginaldo Antônio de Morais Sales, declarou a testemunha que quanto às reuniões em casa de Antônio Manuel Teixeira, sabia de ver por ser vizinho. Que quanto a Reginaldo sabia de ouvido que também reunira por vezes gente em sua casa para tratar dos planos da Rebelião, e que ele ouvira o que já declarou no artigo segundo, que depois de ter aparecido o rompimento de Sorocaba ausentara-se desta cidade e consta a ele testemunha que seguira para Limeira e Piracicaba, e que por aí andara reunindo gente, que sabe que Reginaldo se correspondia com algumas pessoas a respeito de reunião de gente e que vira uma carta dele ao Alferes José Estanislau de Oliveira a este respeito a qual ele respondia na mesma carta que não tinha podido arranjar vinte e oito digo podido arranjar mais de vinte e oito pessoas. Quanto a Luciano Teixeira Nogueira disse que sabia que também era grande influente da rebelião que reunira gente em sua casa, o que sabe de ouvir dizer: assim como sabia mandando-lhe o Coronel da Legião chamar por ser ele Capitão da Guarda, por um Sargento de nome José Manuel de Castro, ele prendera dito Sargento e o mandara logo para Sorocaba como recruta o que sabe por ter ouvido depois do mesmo Sargento. Quanto a Ângelo Custódio Teixeira Nogueira disse que sabia que também reunira gente em seu sítio, que aí tivera ocultas as duas peças de Antônio Manuel Teixeira até que se reunisse a gente que em sua casa hospedavam a reunisse todos quantos andavam tratando da rebelião. Quanto ao Alferes Francisco Teixeira Nogueira disse que sabia que também reunira gente e trabalhou a favor da reunião de força da Venda Grande onde em cujo ataque se achou, o que sabe por ouvir dizer. Disse também que sabia que o Capitão Francisco José da Silva andara com essa gente e ensinara manejo aos rebeldes.

Ao 5º

Disse que sabia que nenhuma força reunida fora para Sorocaba, mas sim que para lá só foram alguns indivíduos e enquanto a armamentos lhe consta que os soldados se achavam na Venda Grande com espingardas fulminantes caçadeiras pela maior parte e com trabucos e com lanças e pelo mesmo modo sabe que tendo o Coronel ou Tenente-Coronel exigido do Capitão Luciano conta do armamento reiuno que tinha recebido, este lhe dera conta de parte, faltando algum.

CMP 2.1.9.173-6

Ao 6º

Disse que além de Antônio Manuel Teixeira ninguém mais foi nomeado Comandante Militar neste termo.

Ao 7º

Disse que nada sabia. Sobre os costumes disse nada. Neste ato notifiquei a testemunha para não mudar de residência sem dar parte a este Juízo. E lido o seu depoimento por estar conforme o que depõe assina com o Juiz. Eu Joaquim Roberto Alves, Escrivão que escrevi". (a) G. de Meneses. (a) José Teodoro de Barros Cruz.

TESTEMUNHA TERCEIRA

"O Capitão Joaquim da Silva Leme, casado, natural e morador do termo desta cidade onde vive de seu Engenho de fabricar açúcar e de sua tropa e de idade que disse ter quarenta e oito anos mais ou menos. Testemunha jurada aos Santos Evangelhos sob cargo do qual prometeu dizer a verdade do que soubesse e perguntado lhe fosse.

Ao 1º

Disse que sabia por ser público e notório que o Coronel Rafael Tobias fora em dias de maio deste ano proclamado Presidente da Província na cidade de Sorocaba e pela mesma razão sabe que ele aceitara e exercera esse emprego.

Ao 2º

Disse que sobre plano ou concerto entre pessoas de outros lugares com algumas desta cidade, não sabe e o mesmo quanto a quem aconselhasse sobre a revolução.

Ao 3º

Disse que nem a Câmara nem parte alguma do povo deste termo reconheceu formalmente o Governo de Sorocaba.

Ao 4º

Disse que sabe por ouvir dizer que Antônio Manuel Teixeira aceitara o Comando Militar que lhe fora dado pelo Governo intruzo e que reunira gente e que se pusera a testa dela na Venda Grande e quanto se assistiu ou não ao ataque não sabe, e que consta a ele testemunha que dito Antônio Manuel fora algumas vezes a casa do Senador Diogo Antônio Feijó, o qual lhe dava a direção para a revolução. Que a respeito de Reginaldo Antônio de Morais Sales nada sabe, só que ele daqui saiu para as partes da Limeira e Piracicaba, e que por lá andou. Que quanto a Luciano Teixeira Nogueira, Ângelo Custódio, Francisco Teixeira Nogueira, alferes das extintas milícias, consta a ele testemunha que todos andaram metidos na rebelião e se acharam no ataque da Venda Grande; que constava a ele testemunha que Antônio Manuel Teixeira tinha emprestado duas peças de artilharia de sua fazenda para a força da Venda Grande, que também consta a ele testemunha que o Capitão Francisco José da Silva andava com todos esses e se achava também no ataque onde fora ferido.

Ao 5º

Disse que as armas de que se serviram na Venda Grande são pela maior parte fulminantes de caça.

Ao 6º

Disse que se referia ao que já havia dito.

Ao 7º

Disse nada. Aos costumes disse que não é parente nem inimigo de ninguém, mas antes amigo de alguns; neste ato notifiquei a testemunha para não mudar de residência dentro de um ano sem participar este Juízo. E lido o seu depoimento por achar conforme o que depôs assina-se com o Juiz. Eu Joaquim Roberto Alves escrivão que escrevi" (a) G. de Meneses. (a) Joaquim de S. Lima.

"Certifico que procurando a testemunha referida Manuel Cardoso de Almeida e Silva não achei; consta ter saído fora da cidade. O referido é verdade e dou fé do que assino. Campinas 1º de Novembro de 1842". (a) Joaquim Roberto Alves.

"Aos três dias do mês de Novembro de mil oitocentos e quarenta e dois anos nesta cidade de Campinas e em meu cartório sendo aí, faço estes autos conclusos ao Dr. Chefe de Polícia desta Província José Augusto de Meneses, do que para constar faço este termo. Eu Joaquim Roberto Alves Escrivão que assino". (a) Alves.

"Os documentos que decorrem de fls. 181 a 185, e inquirições, obrigam, desde já, à prisão e livramento, como cabeças da rebelião, a Antônio Manuel Teixeira e Reginaldo Antônio de Morais Sales. Cidade de Campinas 3 de Novembro de 1842" (a) G. de Meneses.

O ENGENHO DA LAGOA

Estiveram os liberais aquartelados no antigo engenho de açúcar denominado Engenho da Lagoa, cujos senhores eram o major Teodoro Ferraz Leite e sua segunda mulher Maria Luísa Teixeira Nogueira de Camargo, ambos falecidos. Um sobrado constituía a sede do engenho com residência da família. Em tempos nos referimos à vida particular dos senhores deste engenho, quando o Departamento de História do Centro de Ciências, Letras e Artes promoveu a ereção do marco comemorativo da Venda Grande [23].

Pelos primeiros lustros do século passado, existia o engenho da lagoa, florescente indústria açucareira. Grande sobradão era sua sede com a fábrica de açúcar; além a casa de purgar onde se clarificava o produto a ser exportado para Santos; alambiques, caldeiras de cobre, tachos e escumadeiras, depois o moinho e demais montagens, compunham o rico senhorio com as pastarias, muito gado e os quartéis de cana, tudo servido por uma quase centena de escravos, com os animais de sela ajaezados de prata e as bestas arreadas para transporte das cargas e da elegante e encortinada liteira.

Mas lá, o alto do sobrado é que abrigava o lar senhorial de um casal feliz; numerosas janelas iluminavam os salões e câmaras de uma

CMP 2.1.9.173-7

residência abastada. A jovem senhora, no encanto dos seus verdes anos, de corpo exuberante e rara formosura, a mais bela mulher de Campinas no dizer dos seus contemporâneos, na faina doméstica de mãe estremorosa perpassava e dirigia sua casa; seu vasto salão de jantar era bem paulista, sóbrio e de discreta riqueza; a baixela era de louça inglesa, de jantar e de chá, as salvas e talheres de prata entre os copos e cálices de cristal lapidado; ao centro a mesa com suas cadeiras e escabelos e, de encosto à parede, não só a marquesa ampla e os canapés, como um nobre e alto relógio com suas cadeias e pesos de marcar o tempo de ventura e de abastança; tudo era alegrado com os cilindros musicais de um realejo, o instrumento da época, que sonorizava este aconchego de paz e de encantamento.

O senhor do engenho, sargento-mór de milícia, era de apuramento de hábitos, trajando sua casaca e calções de seda, manteu de renda, espada e faixa militar. No seu nobre solar, nasceram-lhe os filhos, aumentou grandemente sua fortuna, mas viu também o triste dia em que sua bela esposa, ao nascer o nono rebento morria mártir da maternidade. Foi ainda aí que se casaram as filhas do altivo senhor; a menor delas, menina-moça no florescer dos seus catorze anos, casou-se em meio de festas e esplendores, vestida nas suas rendas de imaculado alvor bordadas a fio de ouro, com um jovem bacharel, das arcadas[24], futuro juiz e cavaleiro da Ordem de Cristo. Foi a última festa do grande sobrado.

Depois, os filhos se foram para seus novos lares, e o senhor envelhecido abeirou-se do túmulo: morria em 1837, deixando ermo o engenho de passado glorioso[25].